

A nova vanguarda da Arquitectura Religiosa fundamentada em valores metafísicos (simbólico-religiosos)

ALBERTO ESTIMA¹

Resumo

O presente artigo analisa algumas das questões sobre as quais os especialistas da Arquitectura Religiosa se têm debruçado, especialmente na transição do Milénio, tais como: a crença religiosa dos artistas, a sua deontologia profissional e a sua especialização, a capacidade de envolver a sociedade neste projecto, os arquitectos vanguardistas e os principais especialistas nesta arte.

Palavras-chave: *Arquitectura Religiosa Contemporânea*

Abstract

The present article analyses some of the questions which have been analysed by the specialists in Religious Architecture, especially in the passing of the Millennium, such as: the religious belief, the professional deontology and its specialization, the capacity to involve the society in this project, the experimentalist architects and the principal specialists in this art.

Keywords: *Religious Architecture Contemporary*

A questão que presentemente importa colocar, pela sua pertinência sócio-cultural, é saber se no prenúncio do século XXI fará ainda sentido debruçarmo-nos sobre a temática da Arquitectura Religiosa?

Depois de sucessivos séculos onde o ser humano foi alvo das maiores atrocidades, cometidas pelo seu semelhante, quer de natureza física, ideológica, religiosa, económica, entre outras, poderá suscitar estranheza invocarmos novamente

¹ Professor Auxiliar na Faculdade de Arquitectura e Artes na Universidade Lusíada no Porto.

o seu interesse. As transformações que decorreram da época pós-industrial foram, sob o ponto de vista da sociologia, marcantes. A “secularização” das sociedades, numa primeira instância, seguido pelo “secularismo” desestruturaram parcialmente a comunidade civil e religiosa. O “materialismo”, o “hedonismo”, o “indiferentismo”, o “egoísmo”, entre outros fenómenos contribuíram para uma progressiva ausência de fé (em si próprio, no seu semelhante e num Ser Superior). O Cristianismo deu origem à era da pós-cristandade, onde a religiosidade ainda permanece como referência (secularização) que, por sua vez, degenerou na era do pós-cristianismo, resultando na abolição da crença religiosa (secularismo)².

Consequentemente, os valores morais foram ostensivamente distorcidos, ou mesmo subnegados, em detrimento dos valores materiais numa alusão ao mercantilismo exacerbado, impiedoso e atroz que ignora o mais elementar conceito de compaixão ou de misericórdia. A inversão de valores, que alcançou o seu apogeu no século XX com o pensamento pós-moderno, resultou em modelos neo-liberais de desenvolvimento de vida e de conduta, que preconizam, entre outros aspectos, a individualidade e a competitividade ao mais alto nível.

A conjugação destes factores resulta num ser humano demasiado egocêntrico em que o facto de não olhar a meios para atingir fins é demonstrativo da obsessão que, inconscientemente, o persegue. Ao agir isolado e motivado por interesses exclusivamente individuais, ele tende a perder a noção de colectividade e de socialização, ou seja, as referências basilares da sociedade civil e religiosa. A probabilidade de se tornar num ser obcecado por ideais pessoais, desprovido de conteúdo social e sem aplicabilidade no bem-estar colectivo é, cada vez mais significativo³. A ausência do dever cívico, em determinadas sociedades como a portuguesa é, ainda um problema real, o que dificulta substancialmente a relação inter-pessoal, e por conseguinte, a comunitária. Será isto uma fatalidade ou uma reminiscência do “provincianismo português” exortado por Fernando Pessoa em 1928? O conceito de comunidade, nestas sociedades, é incipiente e quase sempre contraproducente ao contrário de outras que se regem por estes princípios, como a Amish, em que o espírito de união entre os seus membros sobressai no mais estrito cumprimento dos seus deveres cívicos e religiosos.

Talvez por este motivo haja autores que professem o retorno do sagrado como forma de inverter esta tendência⁴. O reencantamento da fé, como alguns

² Cf. FERNANDES, António Teixeira - *Formas de Vida Religiosa nas Sociedades Contemporâneas*. Oeiras: Celta, 2001, pp.1-17.

³ As novas profissões, especialmente as associadas às novas tecnologias de informação, como as relacionadas com a informática, constituem exemplo de como o homem tem vindo gradualmente a isolar-se. Apesar de teoricamente aparentar o inverso, visto poder contactar com multidões no dia-a-dia (através dos novos meios de comunicação, nomeadamente da *Internet*), trabalha-se e vive-se cada vez mais isolado, ou próximo disso. Depreende-se que a tecnologia tem vindo a afastar progressivamente o ser humano do seu contacto físico e afectivo.

⁴ O conceito de sagrado, para nós, confina-se ao contexto religioso e ao transcendente, apesar de no século XX lhe ter sido atribuído um significado polimórfico, repleto de significações isentas de valor religioso.

teólogos o designam, não é um fenómeno consensual na comunidade erudita, apesar de reunir cada vez mais defensores. A razão invocada está relacionada com a inflexão de valores, que vem ocorrendo desde o Renascimento.

Todos estes fenómenos têm-se desenrolado perante a indiferença das sociedades contemporâneas. Esta indiferença tem sido objecto de análise filosófica, sociológica e antropológica, por evidenciar sinais e comportamentos atípicos, tais como são descritos por Jean Paul Satre, Jürgen Habermas, Michel Foucault, Gilles Lipovetsky, Boaventura de Sousa Santos, Eduardo Lourenço, entre outros.

Perante tal realidade é lícito admitirmos que o ser humano, no século XX, perdeu valores e referências, fundamentais ao “homo religiosus” e, por conseguinte, faz todo o sentido, em nosso entender, que se volte a pensar na religião e na Arquitectura Religiosa como instrumentos capazes de inverterem a ausência de humanismo nas sociedades contemporâneas. É certo que o decréscimo de fiéis nos edifícios religiosos não são da exclusiva responsabilidade da arquitectura, mas esta pode contribuir para o seu retrocesso, melhorando a sua qualidade, desempenhando, deste modo, a sua função social e cultural. Com a perda de estatuto de espaço identitário, o edifício religioso tem-se afastado da comunidade que o legitima invertendo, deste modo, o seu propósito. Um fenómeno preocupante, especialmente nos aglomerados urbanos de média e de grande dimensão, onde os problemas sociais são cada vez mais significativos. Esta inversão de estatuto do edifício religioso reflecte, em certo sentido, a sociedade que o caracteriza podendo, por este motivo, ser um instrumento válido de análise sociológica e antropológica e não meramente arquitectónico.

Estamos convictos de que sempre que o homem se afasta da religião e da sua crença religiosa autodestrói-se, porque só se houve a si próprio. O elo de ligação com o seu semelhante, quer ao nível do pequeno círculo, como a família e os amigos, quer ao nível do grande círculo, como a sociedade que o representa, quebra-se deixando de existir qualquer interacção entre ambos. A relação deixa de ser bidireccional e interdependente para se tornar unidireccional e independente. Passa a estar circunscrita em si própria, contrariando os princípios elementares da comunidade. Fenómeno que designamos pelo neologismo de “descomunidade”.

Neste sentido, ambiciona-se uma arquitectura contextualizada com as especificidades da presente época de modo a conjugar o binómio Fé e Arte e não, quanto muito, fundamentada em conceitos ecléticos, meramente estéticos, desprovidos de conteúdo reflexivo, tal como é apanágio da contemporaneidade. A Arquitectura Religiosa faz sentido se contemplar o ser humano nas suas diversas dimensões, isto é, como um todo e não somente o lado funcional e estético da arquitectura, porque isso é redutor.

Isto implica, entre outros aspectos, abdicar de alguns direitos adquiridos como os que estão relacionados com a liberdade de expressão e que estão associados com a crença religiosa do artista. A questão não é recente, visto que desde o Renascimento tem vindo a ser debatida, mas que por não ser consensual gera discórdia. De acordo com o pensamento ortodoxo da religião, o arquitecto que

desenvolve trabalho no âmbito desta arquitectura deve exercê-la na íntegra, de modo a salvaguardar a sua respeitabilidade (pessoal, profissional e religiosa). Esta visão, considerada ultrapassada e irrelevante à luz dos desígnios da contemporaneidade, pela generalidade da comunidade religiosa e civil, continua a ter alguns cultores, embora em reduzida escala. O motivo primordial da sua existência está relacionado com o empenho e com a dedicação que estes artistas depositam no exercício da sua profissão. Os seus defensores consideram que só deste modo a mensagem religiosa é respeitada e entendível, porque em religião os valores éticos e morais são tão importantes quanto os transcendentais. Wassily Kandinsky (1866-1944), por exemplo, observa a este propósito, que a obra de arte deve reflectir somente a alma do artista⁵. Deve transmitir as suas convicções, à semelhança do que sucede no Judaísmo e no Islamismo. Para estas duas religiões, o edifício é confiado unicamente ao arquitecto crente, sendo raras as excepções em que tal não se verifica.

Na história de Portugal, os edifícios que melhor expressam a vocação religiosa dos seus autores são anteriores ao século XX e reportam às obras dos monges construtores, os cistercienses. A importância que atribuíam ao edifício religioso fica expresso, não só no estudo exaustivo do projecto como no grau de perfeccionismo com que o edificavam. A Abadia de Alcobaça é provavelmente o seu paradigma maior.

Outrora tão ou mais difícil que construir o edifício religioso, era encontrar o mentor de tal projecto, o arquitecto. O eleito deveria conjugar a experiência académica, com a empírica. De preferência, que este fosse versado em conhecimentos do “Trivium” (Gramática, Retórica e Dialéctica) e do “Quadrivium” (Aritmética, Geometria, Música e Astronomia). Aos mais dotados era-lhes concedido determinados privilégios, que passavam por recompensas monetárias, doação de propriedades, isenções fiscais, títulos honoríficos, ou talhar na pedra a insígnia da sua família e o direito a sepultura no próprio edifício. Estes dois últimos privilégios eram das mais nobres consagrações que uma família de artistas poderia alcançar. Uma espécie de homenagem pública da comunidade religiosa e civil, pelo contributo prestado em prol da arte do Sagrado⁶. Com a passagem do sistema teocêntrico para o antropocêntrico, encontramos artistas como *«Miguel Ângelo [que] começou a trabalhar na Basílica de São Pedro em 1547, aos 72 anos, e continuou durante os restantes 17 anos da sua vida, recusando qualquer pagamento, uma vez que desejava que o seu trabalho fosse uma oferta a Deus e a São Pedro.»*⁷

⁵ Cf. KANDINSKY, Wassily - *Do Espiritual na Arte*. Trad. de Maria Freitas, 2ª Ed. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1991. [*Über das Geistige in der Kunst, insbesondere in der Malerei*, escrito em 1910 e publicado em 1912]. Kandinsky partilha do princípio de que existe uma ordem acima do humano e do real, fundamentada pelo sentido ético. Refere que *«A “Beleza interior” resulta de uma necessidade interior imperiosa, de uma renúncia às formas convencionais de Belo. (p.43) É belo o que procede de uma necessidade interior da alma. É belo o que é belo interiormente. (p.116)»*

⁶ Sobre a vocação profissional dos artistas *«Sabe-se que desde o século X se organizaram na Italia, iniciadas pela Lombardia, essas associações de artistas seculares, architectos, esculptores, illuminadores,*

O século XX inverteu este princípio ético e metodológico de intervenção, banalizando a nobreza do acto que lhe estava implícito. Perdeu-se o encanto e a especificidade que caracterizava a Arquitectura Religiosa e relativizou-se a sua importância. O sentido ético e religioso, que estava subjacente à vocação, foi destituído de significado e o acto mágico, implícito a estes edifícios, desapareceu, tal como o prestígio de ser o arquitecto eleito. A autoria dos edifícios deixou de ser da responsabilidade do arquitecto, verificando-se que, numa elevada percentagem dos casos, o seu autor, ou é o engenheiro civil, ou o desenhador técnico, ou o próprio construtor civil. Qualquer técnico passou a estar habilitado a “desenhar” tais edifícios, mesmo sem formação académica, ou conhecimentos específicos de liturgia. Os poucos arquitectos que têm actuado neste domínio são arquitectos sem especialização, que não fazem distinção entre um espaço de celebração e um espaço de diversão. Verifica-se que a filosofia do projecto de uma igreja, ou de uma sala de cinema, é a mesma. O conhecimento fragmentou-se e, de certo modo, banalizou-se. Provavelmente, por este motivo, Ramalho Ortigão escreve *«falta-nos a fé dos nossos avós.»*⁸

Não obstante a historiografia da Arquitectura Religiosa do século XX não apresentar a genuinidade nem a fidelidade de outrora, apraz referenciar os “inter primi pares”, isto é, os mais categorizados entre os da sua condição, como os que fizeram da profissão uma forma superior de expressar a sua vocação, de acordo com uma posição ética, filosófica e metafísica. “Vocação” (do latim *vocatio*), que caracterizou a vida e obra dos principais mentores do Cristianismo, como, por exemplo, do Apóstolo Paulo (I Cor 7, 20-24)⁹.

Torna-se, por este motivo, imperioso reconhecer o trabalho de quem impulsionou o desenvolvimento da Arquitectura Sacra, por nela acreditar incondicionalmente, contrariando, deste modo, o laicismo do século XX. A peculiaridade da vida e da obra destes autores é, não só importante para a genuinidade da Arquitectura Religiosa, como para demonstrar que é possível inverter a corrente de pensamento

imaginários, vidristas, entalhadores e canteiros, empregados pela igreja nas vastas obras da primeira renascença da Europa [...]. Estas confrarias, creadas e protegidas pelo clero, tomaram o nome geral de “franco-maçonaria” ou de “pedreiros livres”, e compunham-se de associados, que, depois de haverem passado por todos os minuciosos tramites de uma longa aprendizagem, adquiriam geralmente o direito de exercer a profissão na qualidade de mestres. [...]. Esta colaboração fenomenal dos melhores obreiros, de todos os grandes artistas e de todos os sabios do mundo, associados da maneira mais engenbosamente completa e perfeita para exercer a arte de edificar, elevou a arquitectura religiosa n’este período á mais alta perfeição scientifica e technica, a que jámais chegou a obra da intelligencia e da mão do homem.» ORTIGÃO, Ramalho – *O Culto da Arte em Portugal*. 2ª Ed. Lisboa: Livrarias Aillaud e Bertrand, [s.a.], pp.47-53.

⁷ Cf. COLLINS, Michael; PRICE, Matthew - *História do Cristianismo. 2000 anos de Fé*. Trad. Ana Pinto da Silva. Porto: Civilização Editora, 2000, p.125.

⁸ ORTIGÃO, Ramalho – *O Culto da Arte em Portugal*. 2ª Ed. Lisboa: Livrarias Aillaud e Bertrand, [s.a.], p.11.

⁹ A profissão como *vocação* adquire expressão no *Antigo Testamento*, principalmente com Abarão e no *Novo Testamento*, com S. Paulo.

que preconiza a ausência de vocação e de brio profissional nas sociedades contemporâneas. Em Portugal, por exemplo, Ramalho Ortigão faz referência a este facto, em Outubro de 1890, quando escreve: «*Está-se perdendo de todo na sociedade portuguesa o amor do trabalho, o espírito de aplicação, o zelo profissional, a paciência, a perseverança, a lenta economia. Tudo se faz á pressa, atabalhoadamente. São mal feitas as leis, são mal feitos os predios, são mal feitos os móveis. Já não há para o quer que seja nem bons discípulos nem bons mestres.*»¹⁰

Constata-se, também, que os autores que ousaram fazer da arquitectura um meio de manifestar a sua fé, apesar de serem de nacionalidades e de épocas distintas, partilham de aspectos comuns que são transversais a todos, visto que o carisma do artista cristão é o de conduzir a sua comunidade a descobrir o potencial profético, tal como invoca Fortunato Pasqualino¹¹.

Inserem-se neste enquadramento ideológico alguns arquitectos que compelidos por uma visão superior são, nesta perspectiva, referências no domínio da Arquitectura Cristã no século XX. Ao transformarem a sua profissão em vocação, num século fértil em conflitos e em contradições, comprovam que os valores éticos, morais e deontológicos, são intemporais e universais, aproximando-se da expressão latina “*potius mori quam foedari*” [antes morrer do que desonrar-me], que servem de divisa aos que fazem da honra um código de vida ético. Salientamos, para o efeito, por ordem cronológica, o arquitecto catalão Antoni Gaudí (1852-1926)¹², o esloveno Jože Plečnik (1872-1957)¹³, os alemães Dominikus Böhm (1880-1955)¹⁴ e

¹⁰ ORTIGÃO, Ramalho – *As Farpas*. Tomo XI: *Aspectos vários da Sociedade, da Política, da Administração*. Lisboa: Companhia Nacional Editora, 1890, p.314.

¹¹ Fortunato Pasqualino é professor de filosofia na *Università Internazionale di Studi Sociali Pro Deo, Roma*. Cf. PASQUALINO, Fortunato – *L'artista*. In SANTI, Giancarlo (Coord.) – *Arte e Liturgia. L'arte sacra a trent'anni dal Concilio*. Milano: Edizioni San Paolo, 1993, pp.477-492.

¹² Autor de um conjunto vasto de obras, das quais se destacam quatro, pela sua notoriedade: a igreja da Sagrada Família (1883-); a Casa Milá - La Pedrera (1906-10); o Park Güell (1900-14) e a Casa Batlló (1904-06). São as quatro obras consideradas *ex-libris* de Barcelona e referenciadas nos roteiros turísticos internacionais. Um exemplo de como a arquitectura projecta uma cidade internacionalmente. Sobre a vida e obra de Gaudí ver: PUJOLS, Francesc - *La visió artística i religiosa d'en Gaudí*. Barcelona: Quaderns Crema, 1996; SOLÁ-MORALES, Ignasi de - *Gaudí*. New York: Rizzoli, 1984; MILÁ, Ernesto - *El misterio Gaudí*. Barcelona: Martínez Roca, 1994.

¹³ Nascido em Ljubljana, capital da Eslovénia (ex-Jugoslávia), estudou arquitectura na Academia de Artes de Viena, com o mestre Otto Wagner. Talentoso, recebeu o Prémio *Rome Scholarship*, que lhe possibilitou viajar pela Europa e concentrar-se em França e Itália. Aqui aprofundou os seus conhecimentos sobre o Românico, o Gótico e o Renascimento. Concluídos os estudos, trabalhou com Otto Wagner, tendo posteriormente estabelecido-se por conta própria e é em 1902, que o seu amigo, Kotra, também arquitecto, publica na revista *Volné Smcryum* [Tendências Livres] um artigo elogioso a propósito do seu trabalho. Sobre a sua vida e obra ver: KRECIC, Peter - *Plečnik – The Complete Works*. London: Academy Editions, 1993.

¹⁴ Estudou na *Technische Hochschule* em Estugarda sob orientação de Theodor Fischer (1862-1938). Estabeleceu-se por conta própria em Colónia, em 1903. Seu filho, o arquitecto Gottfried Böhm (1920-), galardoado com o Prémio *Pritzker Architecture* (1986) e com o Prémio *Fritz Schumacher* de Hamburgo, também tem desenvolvido trabalho no âmbito da Arquitectura Religiosa. A bibliografia sobre Dominikus Böhm é escassa, no entanto, destacamos: HABEL, Josef - *Dominikus Böhm*. Regensburg, 1943; HOFF, August (ed.) - *Dominikus Böhm: Ein Deutscher Baumeister*. Berlin, 1930; WEISNER, Ulrich - *Böhm:*

Rudolf Schwarz (1897-1961)¹⁵, o italiano Giuseppe Terragni (1904-43)¹⁶, o beneditino holandês Hans van der Laan (1876-1944)¹⁷, os espanhóis Miguel Fisac (1913-)¹⁸ e o dominicano Francisco Coello de Portugal (1926-)¹⁹, e o português Luís Cunha (1933-)²⁰.

Várias gerações que encerram um século, mas que deixam poucos discípulos.

Acerca do que caracterizou a profissão do arquitecto no século XX, verificou-se que determinados valores relacionados com a deontologia e com os mecanismos que regem a profissão se alteraram profundamente. A “humildade” e o “brio profissional”, por exemplo, juntamente com a defesa de ideais e de convicções, perderam-se, na generalidade dos casos, em detrimento de outros valores estritamente comerciais e pecuniários. A vertente comercial da profissão é, para a maioria dos profissionais, o objectivo primeiro e para alguns, o único. Esta visão extremamente economicista da profissão inverte o princípio elementar da partilha e do bem social que devem caracterizar a família cristã.

Em Portugal, a Ordem dos Arquitectos está consciente deste problema e, neste sentido, debateu-o, em 2003²¹.

Väter und Söhne. Architekturzeichnungen von Dominikus Böhm, Gottfried Böhm, Stephan, Peter und Paul Böhm. Katalog der Kunsthalle Bielefeld 1994.

¹⁵ Nasce em Estrasburgo, sob domínio alemão. Sobre a sua vida e obra ver: PEHNT, Wolfgang; STROHL, Hilde - *Rudolf Schwarz (1897-1961)*. Milano: Electa, 2000.

¹⁶ Nasce em Meda-Milão e licencia-se em arquitectura, no Politécnico de Milão (1921-26). Com o seu irmão Attilio, engenheiro civil, abre um gabinete de arquitectura (1927-39) onde projectam importantes obras: o bloco de apartamentos Novocumum (1927-28), em Como; a Casa del Fascio (1932-36), em Como, considerada a sua obra-prima; a Casa Bianca (1936-37), em Seveso, entre outras de cariz não religiosa. Sobre a vida e obra do autor ver: ZEVI, Bruno - *Giuseppe Terragni (stp)*. Princeton: Princeton Architectural Press, 1989; EISENMAN, Peter - *Giuseppe Terragni: transformations, decompositions, critiques*. New York: St. Martins Press, 1996; SAGGIO, Antonino - *Giuseppe Terragni. Vita e opere*. Bari: Editori Laterza, 1995; CIUCCI, Giorgio - *Giuseppe Terragni opera completa*. Milano. Electa, 1996.

¹⁷ Paul Bellot fora o autor da igreja da Sr.ª da Conceição, no Porto (1938-44), concluída pelo arquitecto português Rogério de Azevedo.

¹⁸ Sobre a obra de Miguel Fisac ver: SOLER, Francisco Arques - *Miguel Fisac, Arquitecto*. Madrid: Ediciones Pronaos, 1996.

¹⁹ Natural de Jaén, sul de Espanha, forma-se em 1953. Em 1954 ingressa como noviço na Ordem Dominicana. Conhecedor do trabalho (escrito e construído) dos mestres desta arquitectura, do século XX, como Le Corbusier, Dominikus Böhm, Rudolf Schwarz, Emil Steffan, Hans Schädel, entre outros, contribuiu para a renovação da Arquitectura Religiosa em Espanha. Apesar da qualidade da obra produzida, existe um défice significativo de informação a seu respeito. O trabalho maior profundidade é a tese de doutoramento do arquitecto Esteban Fernández Cobián. Cf. COBIÁN, Esteban Fernández - *Fray Coello Portugal dominico y arquitecto*. Madrid: Fundación Antonio Camuñas, 2001.

²⁰ Sobre a obra de Luís Cunha não existe ainda um trabalho de fundo que reúna os escritos, os projectos, os desenhos, as pinturas e as esculturas de cariz religiosa que compõem algumas das suas igrejas. Os fragmentos publicados do seu trabalho não transmitem a profundidade, nem a unidade de pensamento do autor.

²¹ *«Poucos arquitectos podem olhar para as décadas finais do século XX sem a sensação de que a arquitectura, como corpo disciplinar, se foi largamente dissolvendo nas erráticas exigências da economia de mercado. O empobrecimento geral da forma e a brutal ausência de detalhe, acompanham em muitos casos o declínio estatutário da arquitectura, de respeitável prática artística, a actividade*

Por não se tratar de um fenómeno exclusivo da classe profissional portuguesa, nem ser contemporâneo da última década do século XX, tal como Sigfried Gideon o referenciou, em 1941²², projectar tornou-se um acto de produção em série, imposto pelo ritmo dos meios informáticos, onde os prazos de entrega e os custos controlados se tornaram prioridades em detrimento da componente poética, espontânea e apaixonada, com que deveriam ser executados os projectos. Isto é, de acordo com a visão artística das “beaux-arts”. Independentemente de serem conhecidas as dificuldades que postulam a arquitectura e, em particular, a religiosa, fica o incentivo de que há profissionais que não pactuam com os princípios desviantes que norteiam a profissão e que no âmbito da Arquitectura Religiosa há mercado de trabalho em Portugal, tal como o afirma o director-técnico do Secretariado das Novas Igrejas do Patriarcado, o arquitecto Diogo Lino Pimentel. No Patriarcado de Lisboa seriam necessárias, em 1993, 50 novas igrejas²³ e, em 2004, continuava deficitária, em que as mais significativas se reportam à futura basílica de “Santo António”, na zona oriental de Lisboa, e à futura igreja Paroquial de “Nossa Senhora dos Navegantes”, no Parque das Nações, a funcionar, provisoriamente desde 2004, no piso térreo de um edifício de habitação²⁴.

Igualmente conscientes de uma ruptura de paradigma encontram-se alguns dos novos mentores desta especialidade que têm introduzido na Arquitectura Religiosa outros tipos de valores que não os estritamente artísticos, mediáticos e

comercial pura e dura. A integridade do projecto foi assim confrontada com formas difusas de poder, como o populismo político, o marketing, a legislação, os média e o mercado imobiliário, as quais no seu conjunto concorrem para o esvaziamento de disciplina enquanto tal. Porém, e apesar destas contingências, a arquitectura representa ainda a “reserva de realidade” a que Ignasi de Solà-Morales frequentemente se referia. A confirmá-lo, o testemunho da obra de diversos arquitectos é demonstrativo de que a qualidade espiritual e material do nosso tempo tem apesar de tudo a capacidade operativa de criar lugares.» Ordem dos Arquitectos. Esta Ordem realizou no âmbito do *Ano Nacional da Arquitectura – 2003*, um ciclo de conferências, com o alto patrocínio de S. Exa. O Presidente da República, Jorge Sampaio, onde um dos temas abordados foi o da *Arquitectura como disciplina*. Um dos seus propósitos foi o de chamar atenção para o percurso de determinados arquitectos de renome internacional que se têm empenhado em fazer da profissão uma disciplina e não um mero acto de subsistência, ou de enriquecimento económico. Este texto corrobora a nossa visão sobre o estado (desviante) que norteia a profissão.

²² *“It is in these short periods of unity of intellectual, emotional, and political culture, that life has been able to manifest such splendour as is possible to man. We cannot now aspire so high. We must proceed more humbly. Before demanding from a disorganized world such a unity of emotional, intellectual, and political culture, we must first understand how far the emotional and intellectual are today interrelated, how nearly we have approached that vital preconception of every culture: affinity between its methods of thinking and of feeling.*

The sciences and the arts are activities which, by exploring the unknown in the human mind, directly enlarge man’s consciousness. Every scientist, every artist, is part of a long line of tradition. However, only a creative spirit can go forward, beyond the limits of that tradition, to explore what until then no one has known, no one has seen, no one has felt.» GIEDION, Sigfried - *Space, Time and Architecture*. 6ª Edition, Cambridge: Harvard University Press, 1982, p.876.

²³ Cf. MARUJO, António; ANDRADE, Sérgio C. – *É isto uma igreja?* In *Jornal Público*. Porto. (11 de Julho de 1993), pp.26-27.

²⁴ Depoimento concedido pela comissão fabriqueira, em 11 de Fevereiro de 2004.

pecuniários. Uma arquitectura de cariz predominantemente humanista que privilegia a dimensão humana fundamentada na fé do seu autor. Não é que a sua convicção religiosa seja determinante, mas é seguramente importante como processo de credibilização e de sustentabilidade do projecto. Esta dimensão metafísica, onde está subjacente a vertente simbólica e a religiosa, aumenta a probabilidade da obra reflectir maturidade, pelo menos em termos teóricos, reduzindo, deste modo, o seu insucesso. A vacuidade que caracteriza a generalidade da Arquitectura Religiosa edificada em Portugal no século XX está, em parte, relacionada com esta ausência de valores metafísicos, profusamente debatidos na transição do século XIX para o XX. A “arte pela arte”, tal como foi designada, é influenciada pelo ideal racionalista e surge no século XIX consubstanciado pelo pensamento do escritor Théophile Gautier (1811-1872)²⁵. Em Portugal o tema começou por ser debatido no início do século XX, com a tradução da obra “A Arte e a Moral” do dominicano Antonin-Dalmace Sertillanges, (1863-1948) onde define os riscos da arte profana²⁶. Outros autores francófonos que desenvolveram trabalho neste domínio eram igualmente do conhecimento português, como Charles Lalo (1877-1953)²⁷, Ferdinand Brunetière (1849-1906)²⁸, Jean-Marie Guyau (1854-1888)²⁹ e o húngaro Max Nordau (1849-1923)³⁰. Em Portugal, o Visconde de Villa-Moura (1877-1935) foi um dos primeiros a manifestar-se contra a autonomia da arte, isenta de sentido religioso, adoptando como fio condutor do seu pensamento o trabalho de Max Nordau³¹.

Os defensores desta corrente anteviam, entre outras consequências a vulgarização da arte religiosa caso fosse ignorada a componente metafísica, o que posteriormente veio a ocorrer. Coincidência para uns e inevitabilidade para outros... Um século após volta-se a debater a mesma temática com o propósito de a requalificar e, deste modo, a dignificar. É caso para nos questionarmos sobre a validade da historiografia quando subvalorizada. Pois acreditamos que olhar o passado é a melhor forma de preparar o futuro.

A ausência de sentido religioso da sociedade portuguesa e, em particular, da classe profissional dos arquitectos, é descrita em Novembro de 1926 por Afonso Domingues, como preocupante. Ele que fora dos primeiros a reivindicar uma

²⁵ Cf. GAUTIER, Théophile – *L'Art Moderne*. Paris: Michel Lévy Libraires-Éditeurs, 1856.

²⁶ SERTILLANGES, Antonin-Dalmace - *A Arte e a Moral*. Póvoa de Varzim: Livraria Povoense Editora, 1905. Destacamos deste autor as obras relacionadas com esta temática: *Art et apologétique* (1909); *La vie intellectuelle*. Paris, 1921; *Les Grandes thèses de la philosophie thomiste*. Paris: Bloud & Gay, 1928; *La Philosophie de St Thomas d'Aquin*. Paris: Dunond, 1949. O autor foi professor no *Institut Catholique* de Paris da cadeira de Filosofia Moral e leccionou em *Le Saulchoir*, um dos principais centros de estudos dominicanos.

²⁷ LALO, Charles – *L'Art et la morale*. Paris: Félix Alcan, 1922.

²⁸ BRUNETIERE, Ferdinand – *L'Art et la morale*. 2^a. Édition. Paris: J.-Hetzel, 1898.

²⁹ GUYAU, Jean-Maria – *Les Problèmes de l'esthétique contemporaine*. Paris: Félix Alcan, 1921.

³⁰ NORDAU, Max - *A Mentira Religiosa*. Tradução de A. Gayo, 1902.

³¹ VISCONDE DE VILLA-MOURA – *A Moral na Religião e na Arte*. Coimbra: Casa Editora França Amado, 1906. Este autor tece algumas considerações à obra *A Mentira Religiosa* de Max Nordau (cf. pp.19-21).

corporação de artistas católicos para Portugal, por forma a resolver alguns dos problemas graves da Arquitectura Religiosa.

Contudo, é em torno da revista “Brotéria” (1902-) que o debate se aprofunda, a partir de 1927. Contra a autonomia da arte manifestam-se com especial ênfase Joaquim da Costa Lima e os jesuítas Agostinho Veloso³² e João Mendes³³, fundamentando-se no pensamento de alguns autores francófonos. Agostinho Veloso, S.J., por exemplo, discípulo de Antonin-Dalmace Sertillanges, O.P., (defensor da doutrina de São Tomás de Aquino e opositor da corrente de pensamento que proclamava a autonomia da arte) e do filósofo francês Henri Bergson (1859-1941), foi um dos principais críticos do modernismo na arte em Portugal. A sua posição entrou, por vezes, em confronto com a de outros eclesiásticos, como aconteceu com o reverendo António Reis Rodrigues, defensor da modernidade na arte e membro do Movimento de Renovação da Arte Religiosa (MRAR).

Em Joaquim da Costa Lima encontramos semelhanças com o pensamento de três especialistas estrangeiros, o que revela que alguns dos articulistas portugueses estavam informados e acompanhavam o debate internacional. As influências são do filósofo francês Jacques Maritain, do historiador de arte espanhol Elías Tormo e do monge francês D. Eugène Roulin, O.S.B.. Sobre o trabalho desenvolvido por este último autor, adquiriu particular significado a obra “Nos Églises. Liturgie, architecture moderne et contemporaine, mobilier, peinture et sculpture”³⁴, onde a arquitectura proposta nas 900 páginas e 732 ilustrações é a de cariz clássica. Esta obra serviu de ideário estético aos defensores da arte e da arquitectura clássica em Portugal, na Europa e nos Estados Unidos da América.

O interesse da revista “Brotéria” pela temática estética e artística surge por intermédio do padre Paulo Durão Alves, com um artigo intitulado “A Arte e a Moral”³⁵, onde é definida, como orientação estética da revista, a doutrina de São Tomás de Aquino (ca.1227-1274). Ao ser apresentado como Mestre do pensamento pela Igreja, tanto no domínio da razão, como no da fé, São Tomás de Aquino é considerado, a partir de 1930, pela linha redactorial da revista, o modelo a seguir, dedicando, desde então, especial atenção à temática da arte sacra e à Arquitectura Religiosa³⁶. O princípio doutrinário do Tomismo, com base no aristotelismo, associado ao conceito de transcendência, como beleza superior, incentiva o estudo da

³² VELOSO S.J., Agostinho – O “desinteresse” na arte. In *Brotéria*. Nº34 (Março de 1942), pp.310-319. Este autor publicou também a obra *Nas Encruzilhadas do Pensamento*. 3 Vol. Porto: Livraria Apostolado da Imprensa, 1956-1957.

³³ MENDES, S.J., João – *A Arte pela Arte I*. In *Brotéria*. Nº36 (Outubro de 1943), pp.256-265; *A Arte pela Arte II*. In *Brotéria*. Nº37 (Novembro de 1943), pp.347-359; *A Arte pela Arte III*. In *Brotéria*. (Junho de 1944), pp.617-630; *Arte e Vida*. In *Brotéria*. (Outubro de 1944), pp.287-302.

³⁴ ROULIN, O.S.B., Dom Eugène - *Nos Églises. Liturgie, architecture moderne et contemporaine, mobilier, peinture et sculpture*. Paris: P. Lethielleux Editeur, 1930.

³⁵ Cf. *Brotéria - Número especial no XXV aniversário da sua fundação*. Caminha (1927), pp.38-50.

³⁶ Cf. *Brotéria*. NºXI Lisboa (Outubro de 1930), pp.244-248.

obra de São Tomás de Aquino que era, à época, transversal à maioria dos países europeus onde a “Suma Teológica” (1265-1272)³⁷ concentrava especial atenção³⁸. Em Espanha, por exemplo, debatia-se, nesta época, o Tomismo a vários níveis (religioso, académico e artístico), onde o trabalho desenvolvido por alguns autores não eclesiásticos era do conhecimento português, como o do filósofo Eugenio Frutos Cortés (1903-1979)³⁹, o de Leopoldo Eulogio Palacios (1912-1981)⁴⁰, entre outros.

De acordo com esta linha de pensamento a revista “Brotéria” publica a posição do Cardeal Miguel Faulhaber (Arcebispo de Munique) para a arte religiosa, expresso no artigo “A Igreja e a arte Religiosa”⁴¹, como o exemplo a seguir por Portugal. O objectivo da publicação foi também demonstrar que a posição portuguesa se enquadrava com a de outros países e não estava isolada, como os seus opositores a consideravam. O artigo define quatro requisitos de aplicabilidade obrigatória, designados por leis, onde a primeira e a segunda assentam em cânones da arte conservadora; a terceira, no carácter religioso do autor e da sua obra e a quarta lei, na aplicação das belas-artes na arte religiosa⁴².

Contra esta visão de arte opuseram-se os defensores do modernismo, por a considerarem anacrónica e não encontrarem resposta aos requisitos da arte contemporânea, na doutrina de São Tomás de Aquino. Propunham uma arte com características mais abrangente, de concepção filosófica idealista, como a Platónica, à semelhança do que Leonardo Coimbra e Fernando Pessoa adaptaram às suas obras. Note-se, no entanto, que o Tomismo foi considerado um sistema teológico intemporal pelo Concílio de Trento (1545-1563) e corroborado pelo Concílio Vaticano II (“Gravissimum Educationis”, 10; “Optatam Totius”, 16), como o sistema filosófico da Igreja na modernidade⁴³.

³⁷ Cf. SÃO TOMÁS DE AQUINO - *Suma Teológica*. 4ª Ed. Madrid: Biblioteca de Autores Cristinos (BAC), 5 Tomos, 2001.

³⁸ Cf. PEREIRA, José Carlos - *A doutrinação estética da Brotéria (1925-1960)*. In *Fé, Ciência, Cultura: Brotéria – 100 anos*. Lisboa: Gradiva, 2003, pp.421-448. José Carlos Pereira é docente na Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa.

³⁹ Do filósofo Eugenio Frutos Cortés destaca-se, sobre esta temática, o trabalho *La arquitectura de la obra tomista*. (El Español. Semanario de la política y del espíritu. Nº26, Madrid, 24 de Abril de 1943, p.13.).

⁴⁰ Leopoldo Eulogio Palacios doutorou-se em Filosofia pela Universidade de Madrid, com a tese *La doctrina de la Lógica en Juan de Santo Tomás* (1944). Deste autor sobressaem os trabalhos: *El retorno a Santo Tomás*. (Ecclesia, nº1, Marzo 1941, pp.20-ss.); *Juan de Santo Tomás en la coyuntura de nuestro tiempo*. (El Español. Semanario de la política y del espíritu. Nº9, Madrid, 26 de Diciembre de 1942, p.13.) e *España, en la restauración del tomismo*. (El Español. Semanario de la política y del espíritu. Nº26, Madrid, 24 de Abril de 1943, p.16).

⁴¹ Cf. *Brotéria*. NºXI Lisboa (Outubro de 1930), pp.244-245. Este artigo fora publicado na revista *Vita e Pensiero*. Milão (Julho de 1930), pp.401-406.

⁴² Cf. *Brotéria*. NºXI Lisboa (Outubro de 1930), pp.244-245.

⁴³ Em 2003 o Papa João Paulo II colabora e regozija o Congresso Internacional Tomista. Cf. *Mensagem do Papa João Paulo II aos Teólogos, Filósofos e Peritos participantes no Congresso Internacional Tomista* (Roma, 20 de Setembro de 2003).

Outro dado relevante na análise de determinadas confissões religiosas e que nos ajuda a compreender a importância que atribuem à crença religiosa é a que tem sido estudada desde a Reforma Protestante iniciada por Lutero, em 1517, e que se estende a outras confissões tão díspares como a Amish, a Hassidim e a Calvinista, ao se regerem por princípios éticos e deontológicos rígidos, estritamente compatíveis com os seus valores doutrinários. Consta-se que os seus índices de instrução são significativamente superiores aos das restantes confissões, nomeadamente aos da católica conferindo-lhes níveis de confiança, de produtividade e de desempenho igualmente superiores.

Este facto vai ao encontro das teses de Max Weber (1864-1920) e de outros sociólogos que estabelecem a correlação entre a religião e a instrução. Este aspecto é especialmente relevante nos países da Europa do Norte, de confissão maioritária protestante. Consta-se que alguns dos principais centros de desenvolvimento económico são de confissão protestante, como é o caso da Alemanha, dos Países Baixos, da Suíça, do Reino Unido, dos Países Escandinavos e, posteriormente, dos Estados Unidos. Estes países demonstram um crescimento económico superior aos dos predominantemente católicos, acentuando-se a diferença com o século XX.

O conjunto de princípios adoptados por estas confissões religiosas teve como principal consequência a generalização da escolaridade entre os seus fiéis e, consequentemente, o desenvolvimento individual e colectivo da comunidade. Na base deste acontecimento esteve a tradução da Bíblia, para o alemão, em 1534 e noutros idiomas; a obrigatoriedade da sua leitura e interpretação; a catequização, como processo de alfabetização aos sábados, ou domingos, pelo pastor; a abolição do latim na cerimónia religiosa e a adopção dos idiomas vernáculos em substituição do latim; a divulgação do livro e da literatura, juntamente com a actividade mercantil. Note-se que em Portugal o Novo Testamento é traduzido, pela primeira vez, a partir das línguas originais, pelo pastor da Igreja Reformada João Ferreira d'Almeida (1628-91), em 1681, em Amesterdão⁴⁴ e a primeira tradução feita por um católico é da autoria do pároco António Pereira de Figueiredo (1725-97) e data de 1821, feita a partir da Vulgata latina e editada num só volume⁴⁵.

Fundamentando-se em análises sociológicas e em estatísticas confessionais da população, Max Weber conclui existir umnexo directo entre a confissão religio-

⁴⁴ É na transição do século XVIII para o XIX, que a Bíblia inteira (Antigo e Novo Testamento), na tradução de João d'Almeida, é publicada. No entanto, sob a chancela da *Sociedade Bíblica* Britânica e *Estrangeira*, é publicada uma edição do Novo Testamento em 1809 e em 1819 a Bíblia completa é publicada num só volume com o título: "A Bíblia Sagrada, contendo o Novo e o Velho Testamentos, traduzida em português pelo Padre João Ferreira d'Almeida, ministro pregador do Santo Evangelho em Batávia". Batávia, ilha de Java, demasiado distante de Portugal e cuja a língua oficial não é o português. É considerada a 13ª tradução numa língua moderna depois da Reforma.

⁴⁵ A primeira versão surge em 1778 com a publicação do Novo Testamento, em seis volumes. O Antigo Testamento foi publicado entre 1783 e 1790 em 17 volumes. A versão em sete volumes, que é considerada padrão, foi publicada em 1819, sendo que a versão em volume único surge em 1821.

sa e a estratificação social da sociedade alemã. Observa, ainda, que a apetência dos protestantes por uma formação académica é percentualmente superior à dos católicos, preferindo estes últimos, cursos humanísticos enquanto os primeiros, cursos técnicos, industriais e comerciais. Este desejo de formação, por parte dos protestantes, e a sua predominância em cargos de chefia, resulta do espírito de liderança incutido aos seus membros no estrito cumprimento da ética protestante do trabalho, onde a determinação e a dedicação estão implícitas no desejo do êxito. A correlação entre religião e profissão é, no entender de Max Weber, directa, reflectindo-se no êxito pessoal, empresarial e, em última instância, nacional. De acordo com a tese deste sociólogo, no início do século XX, «*os dirigentes das empresas e os detentores de capitais, bem como as camadas superiores da mão-de-obra qualificada e, mais ainda, o pessoal técnico e comercial altamente especializado das empresas modernas, serem predominantemente protestantes.*»⁴⁶

Somos levados a concluir que o homem é produto de uma dupla herança: a biológica e a cultural, sendo esta última determinante no seu bem-estar. Tudo o mais lhe é consequente.

Neste sentido, é admissível colocarmos a hipótese da arquitectura praticada nos países desenvolvidos ser de melhor qualidade, porque a instrução da sua população e os seus níveis de literacia são tendencialmente superiores aos dos países menos desenvolvidos. A sensibilidade artística e estética da sua população e o seu grau de exigência são proporcionais ao seu grau de instrução. Este paralelismo é também aplicável à Arquitectura Religiosa, pelo conhecimento específico que esta requer. É seguramente das especialidades mais exigentes do ponto de vista da informação necessária para a sua interpretação. A fase seguinte, a análise crítica implica um sólido domínio da primeira fase. Consciente desta inaptidão e das suas consequências na família cristã pronunciou-se o Concílio Vaticano II (1962-65) com o documento “Gravissimum Educationis”, próêmio; “Gaudium et Spes” 4, 60 e o “Unitatis Redintegratio” 12.

Torna-se, por este motivo, urgente inverter a taxa de 9% de analfabetismo (Censos de 2001), em Portugal, para posteriormente reduzir o analfabetismo funcional. Não faz sentido desejar melhorar a qualidade desta arquitectura sem primeiro melhorar os índices de instrução da população.

Relativamente ao clero e à sua insuficiente formação artística, terá de ser revista, no sentido de se corrigirem erros e de se sensibilizar a comunidade para a importância do património artístico contextualizado com a sua época. Apesar da crítica não ser contemporânea, continua válida. A não inclusão, por exemplo, de uma disciplina sobre Arte Sacra (que contemple a arquitectura contemporânea) no período de formação do seminarista revela-se preocupante. De acordo com a

⁴⁶ WEBER, Max - *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*. Trad. Ana Bastoe e Luís Leitão, 3ª Edição, Lisboa: Editorial Presença, 1990, p.25. [*Die Protestantische Ethik und der Geist des Kapitalismus*] (1904-05).

informação disponibilizada pela Faculdade de Teologia (Lisboa, Porto e Braga) da Universidade Católica Portuguesa (U.C.P.) verifica-se que não existe uma cadeira relacionada com esta temática, o que não deixa de ser um dado comprometedor para a sua formação e para o património cultural e artístico português. Independentemente deste facto a quantidade de teólogos formados por esta instituição justifica plenamente uma disciplina relacionada com a arte contemporânea⁴⁷.

De salientar que as recomendações do Concílio Vaticano II sobre esta matéria continuam sem aplicabilidade, quase meio século depois, pois é expresso no “Sacrosanctum Concilium”, capítulo VII, que *«devem os clérigos, durante o curso filosófico e teológico, estudar a história e a evolução da arte sacra»*. Consciente do problema, em vários países, a “Comissão Pontífica para os Bens Culturais da Igreja”, tem manifestado a sua preocupação e sensibilizado a família cristã para a sua urgente resolução. É o caso do documento apresentado sob a designação “A Formação dos Seminaristas em Ordem aos Bens Culturais da Igreja” (Roma, 15 de Outubro de 1992), onde são apresentadas propostas concretas de reformulação das disciplinas de Filosofia, de Teologia Sistemática, de Teologia Espiritual, de Direito Canónico, de Liturgia, de História Eclesiástica, de Patrologia e de Teologia Pastoral⁴⁸.

Não obstante o esforço dispendido pelo Vaticano constata-se que em Portugal ainda não surgiu efeito.

Com o intuito de reverter esta realidade e assinalar a ruptura com o passado, apresentando, deste modo, um sinal de esperança quanto ao futuro da arte no novo milénio, realizou-se o Concurso Internacional para a igreja de “Dio Padre Misericordioso”, no ano Jubilar de 2000, em Roma. Concurso que reuniu as principais referências da arquitectura de vanguarda (Richard Meier, Peter Eisenman, Frank Gehry, Tadao Ando, Santiago Calatrava e Günter Benish), e que teve a capacidade de motivar a comunidade erudita, contrariando o “indiferentismo” do século XX, numa perspectiva ecuménica e, deste modo, relançar o interesse pela temática. Um acto simbólico, mas fundamental para a sua renovação e conseqüente dignificação. É, pois, imprescindível que a comunidade erudita se volte a interessar por esta temática, à semelhança de outrora, de modo a que a sua qualidade melhore significativa e ininterruptamente. O debate é absolutamente necessário, por forma a aprofundar e a difundir a mensagem e não consigná-lo a alguns especialistas que comunicam em círculo fechado sem a capacidade de motivar a sociedade em geral para a sua requalificação.

⁴⁷ De acordo com dados fornecidos pela Faculdade de Teologia (Lisboa, Braga e Porto) da Universidade Católica Portuguesa, em Dezembro de 2004, concluíram os seus estudos e obtiveram formação complementar, 1751 indivíduos, entre o ano lectivo de 1968/69 e 2001/02.

⁴⁸ Cf. *A Formação dos Seminaristas em Ordem aos Bens Culturais da Igreja*, 21 (Roma, 15 de Outubro de 1992).

Presentemente outros arquitectos como, Stenen Holl⁴⁹, Peter Zumthor⁵⁰, Markus Allmann e Amandus Sattler⁵¹, Shigeru Ban⁵², Renzo Piano⁵³, Ignacio Vicens e Jose Ramos⁵⁴, José Fernando Gonçalves⁵⁵, entre outros, aproximam-se desta nova filosofia ao atribuir à Arquitectura Religiosa um novo significado compatível com a dignidade necessária.

Pretende-se um século XXI, que ao nível da arte seja participativo e produtivo e não ausente, ou contraproducente, como o que se verificou, em “lato sensu”, no século XX.

⁴⁹ Capela *St. Ignatius*, Seattle University, EUA (1994-97).

⁵⁰ Capela de *Sogn Benedetg* (1985-88), Sumvitg, Suíça.

⁵¹ Igreja *Her Jesu* (1997-2000), Munique, Alemanha.

⁵² Igreja de Papel, Kobe, Japão, (1995).

⁵³ Igreja *Padre Pio* (1991-2004), San Giovanni Rotondo, Itália.

⁵⁴ Igreja *Santíssima Trindade* (1996-97), em Collado-Villalba, Madrid; Residência da *Congregação das Hermanitas de los Ancianos Desamparados* (1995-97), em Alcázar de San Juan; projecto para a igreja Paroquial de *Santa Mónica*, em Madrid, e do projecto do Oratório para o Departamento de Ciências Sociais da Universidade de Navarra, todas em Espanha.

⁵⁵ Capelas Mortuárias em Oliveira do Douro (1996-97) e da capela de *S. José* (2004-05), ambas em Vila Nova de Gaia.

